

CRIAÇÃO AFETIVA: IMPACTOS NA PRIMEIRA INFÂNCIA E SUAS IMPLICAÇÕES NO CONVÍVIO SOCIAL

MATIOLI, Aryane Leinne Oliveira ¹

SILVA, Karine da ²

WESSLER, Isabela Luiza Leiser ³

RESUMO

O presente artigo aborda a temática da Criação Afetiva e suas possíveis influências no comportamento e nas relações interpessoais de crianças que estão vivenciando a primeira infância. Através dos dados obtidos por meio da observação do comportamento das crianças e entrevista realizada com os pais, buscou-se compreender a forma de criação, o carinho das relações parentais pode gerar influências significativas no comportamento infantil. A pesquisa foi realizada de modo on-line devido a pandemia por COVID-19. Então, os dados coletados ocorreram de forma que os pais se disponibilizaram a gravar um vídeo evidenciando a interação entre a criança na faixa etária de até 3 anos com seus irmãos. De modo a complementar a pesquisa, foram realizadas as entrevistas. Os dados foram analisados a partir do método de análise de conteúdo, em que foi possível identificar quatro categorias, sendo elas: relacionamento familiar, comunicação e limites, reação às expressões de sentimento e influência da criação que os pais receberam. As categorias foram correlacionadas com a observação e a teoria. Com base na análise e interpretação dos dados, pode-se inferir que, nas famílias analisadas, suas relações são permeadas por afeto e que, em determinados momentos, os pais podem perder a paciência, corrigir de forma mais dura ou rígida, não significando ausência de amor. O modo de criação e as relações parentais permeadas por afeto desempenham um papel muito importante e influenciam no desenvolvimento saudável da criança, em suas expressões e comportamentos.

Palavras-chave: Criação Afetiva; Influências no Comportamento; Habilidades Emocionais e Comportamentais.

¹ Psicóloga, Orientadora, Mestra em Psicologia, Especialista em Desenvolvimento na Infância e Adolescência, Especialista em Docência no Ensino Superior, Docente curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz - FAG. Email: aryanematioli@fag.edu.br

² Acadêmica do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz - FAG. E-mail: karinesilvabecker@gmail.com.

³ Acadêmica do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz - FAG. E-mail: isabelawesslerpsi@gmail.com.

AFFECTIONATE PARENTING: IMPACTS ON EARLY CHILDHOOD AND ITS IMPLICATIONS ON SOCIAL INTERACTIONS

MATIOLI, Aryane Leinne Oliveira ¹
SILVA, Karine da ²
WESSLER, Isabela Luiza Leiser ³

ABSTRACT

The present article addresses the theme of Affectionate Parenting and its potential influences on the behavior and interpersonal relations of children experiencing early childhood. With the data obtained through observing the children's behavior and interviewing their parents, this work sought to understand if affection in parental relationships can significantly influence a child's conduct. The research was done online due to the COVID-19 pandemic. Thus, parents agreed to record a video evidencing the interaction between the child (of age up to three years old) and their siblings. Interviews were conducted to supplement this research. Data were analyzed via content analysis method, in which was possible to identify the following four categories: family relationship, communication and limits, reaction to the expression of feelings, and the influence of the nurturing the parents themselves got. The categories were correlated with observation and theory. Based on the analysis and interpretation of the data, it was inferred that the examined families had their relationship pervaded with affection and that, at certain times, parents can lose their temper, correct more harshly or severely, but that does not mean lack of love. The way of raising a child and parental relationships pervaded with affection play a particularly important role, influencing the healthy development of the toddler, their expressions, and behaviors.

Keywords: Affectionate Parenting; Influences on the Behavior; Emotional and Behavioral Skills.

¹ Psicóloga, Orientadora, Mestra em Psicologia, Especialista em Desenvolvimento na Infância e Adolescência, Especialista em Docência no Ensino Superior, Docente curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz - FAG. Email: aryanematioli@fag.edu.br

² Acadêmica do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz - FAG. E-mail: karinesilvabecker@gmail.com.

³ Acadêmica do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz - FAG. E-mail: isabelawesslerpsi@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O referido estudo aborda sobre o tema da Criação Afetiva na primeira infância e suas implicações no convívio social. Além disso, busca compreender, quais as principais influências da criação com afeto que podem implicar no comportamento afetivo de crianças em suas relações interpessoais. Esse tema ocupa um campo significativo na sociedade, pois pode contribuir para o autoconhecimento familiar e social, possibilitando que as famílias reflitam sobre suas ações perante os filhos levando em consideração seus sentimentos e saúde mental futura. Além disso, a pesquisa científica, torna possível compreender e discutir as influências da criação afetiva na vida da criança, compartilhando novas informações que possibilitem aos profissionais da saúde e da educação, desenvolver formas de manejo, orientação familiar e habilidades para a ação com o público infantil e seus familiares.

Em se tratando de criação com afeto/apego, Bowlby (1981) sustenta que a qualidade dos cuidados parentais que uma criança recebe em seus primeiros anos de vida é de suma importância para um desenvolvimento saudável e para a saúde mental. No ponto de vista de Campos (2010), os primeiros anos de vida da criança, que caracterizam a primeira infância, são a base do desenvolvimento neuropsicomotor. Desta forma, é imprescindível a base quantitativa e qualitativa de influências que recebem do meio em que vivem, pois os mesmos são parcialmente responsáveis pelo molde definitivo da personalidade.

Ao analisar essas premissas, buscou-se, por meio deste estudo, observar o desenvolvimento afetivo das crianças a partir de suas relações interpessoais. Assim como compreender a relação do afeto dos pais ou cuidadores com o comportamento afetivo das crianças e, desta forma, entender quais as principais influências da criação com afeto que podem implicar no comportamento afetivo de crianças em suas relações interpessoais.

1.1 IMPORTÂNCIA DO GRUPO FAMILIAR

Para Winnicott (2001) a família é o grupo primordial da civilização; e o modo como organizamos o grupo familiar pode ilustrar a cultura e convívio do indivíduo. Sendo assim, durante o desenvolvimento infantil, a criança experimenta diversas constituições familiares, inicialmente mantendo contato com o pai, a mãe e os irmãos. Logo em

seguida, começam a ser inseridos outros indivíduos como avós, tios, primos. Por fim, insere-se no contexto escolar, passando a conviver diretamente com amigos e professores.

Ainda segundo Winnicott (2001) os pais têm a tendência de diferenciar seus relacionamentos com os filhos, ou seja, a relação emocional com cada filho será diferente e única. O autor refere-se aqui sobre a compreensão da simbolização que cada criança representa para os pais em sua fantasia consciente e inconsciente e que isso se deve a forma como os pais se relacionavam na época da concepção, gestação, nascimento e após. Geralmente, há uma aproximação do homem em relação a mulher no período de gestação, mas, em alguns casos, ele pode se afastar ou desapegar-se da mulher. Segundo o autor, ocorrendo alterações no relacionamento dos pais, pode aumentar ou diminuir o senso de responsabilidade de um para com o outro. Consequentemente, os sentimentos para com os filhos será um reflexo do momento experienciado pela relação.

Winnicott (1982, p. 206) afirma que “é feliz a criança que pode reunir todos os resíduos agressivos latentes e oriundos de fases anteriores para usá-los nesse ódio, que é aceitável por basear-se no amor primitivo”. Ou seja, a partir da dissolução do Complexo de Édipo e a identificação da criança com o genitor que antes rivalizava, faz com que o ódio seja consumido e, por isso, o triângulo se torna real e se mantém intacto. O triângulo pode ser experienciado em toda e qualquer relação que permita o desenvolvimento do tema central e suavidade gradual das tensões que poderão ser controladas em situações efetivas.

1.2 TEORIA DO APEGO

Em seu livro *Uma Base Segura*, John Bowlby (1989) relata que estabelecer uma conexão, um vínculo afetivo, é um dos componentes básicos da natureza humana, desde o nascimento até a vida adulta e a velhice. Para o desenvolvimento do apego é importante a oferta de cuidados amorosos, alimentação e higiene. No entanto, o apego pode ocorrer por si só, pois tem função primordial de sobrevivência; e, tem como objetivo, manter a proximidade ou acesso à figura materna. Para isso, a criança precisa desenvolver suas capacidades cognitivas para manter a representatividade materna na memória.

A qualidade de cuidados que a criança recebe em seus primeiros anos de vida, é muito importante para sua saúde emocional futura; pois, a rica relação e atos de compensação entre mãe e filho, somados às relações terceiras, sustentam o

desenvolvimento da personalidade e saúde mental do indivíduo. A criança precisa sentir-se como fonte de prazer materno, sendo que a mãe, por sua vez, precisa sentir o filho como parte de si, sendo uma extensão de sua própria personalidade. Desta forma, ambos deveriam sentir identificação um com o outro (BOWLBY, 1981). Quando a criança reconhece o elo entre ela e a mãe, sente-se segura para explorar o mundo, deixando evidente o primeiro modelo, apego seguro, no qual a criança expressa toda sua segurança em conhecer tudo o que está fora da relação dual mãe-filho e que os pais estão sempre disponíveis para oferecer ajuda. Este modelo, geralmente, é promovido por um dos pais - frequentemente a mãe nos primeiros anos de vida (BOWLBY, 1989).

Quando essa experiência de relação não ocorre, a criança vivencia a “privação de mãe”, que dá origem ao modelo de apego ansioso. Para Bowlby (1981) a privação de mãe pode ser subdividida em dois modelos: o primeiro sendo a “privação parcial”, caracterizada por situações em que a mãe não pode fornecer cuidados amorosos que o bebê necessita. Ou, ainda, em situações em que a criança, por alguma razão, é afastada da mãe, precisando ser cuidada por outra pessoa, alguém em quem ela pode confiar em maior ou menor grau. Sendo assim, a criança adota o modelo de apego ansioso resistente, evidenciando o conflito que a falta da disponibilidade traz à tona, gerando a constante ansiedade de separação.

O segundo modelo, de “privação quase total”, geralmente ocorre nas instituições como hospitais, orfanatos, escolas, entre outros, onde a criança não tem um único cuidador, pois são várias pessoas que cuidam e orientam, não tem à sua disposição alguém para cuidá-la de forma mais pessoal que a faça sentir-se segura. Neste modelo, a criança experimenta o apego ansioso com evitação, ou seja, ela não sente nenhuma confiança no mundo; portanto, a partir disso, buscará manter-se independente, tornando-se autossuficiente emocionalmente. Vale ressaltar que as consequências que essas privações podem acarretar na vida do indivíduo podem variar entre distúrbios nervosos e personalidade instável à incapacidade de estabelecer relações interpessoais satisfatórias (BOWLBY, 1981).

Bowlby (1981) faz um complemento sobre a relação entre pai, mãe e filho. Afirmando que o pai, geralmente, tem importância secundária na relação, pois a maioria dos cuidados ficam por conta da mãe. Entretanto, ele ainda possui a responsabilidade dos cuidados parentais que podem ou não estar propriamente relacionados à criança. Frequentemente, são os pais que propiciam as condições materiais e emocionais para que sua parceira se dedique inteiramente ao bebê. Sendo assim, o suporte emocional que ele

oferece é muito importante para que a mãe possa ter condições emocionais e físicas, auxiliando-a na manutenção da harmonia e satisfação das necessidades amorosas e físicas que o bebê necessita para desenvolver-se de forma satisfatória e adequada.

1.3 A AUSÊNCIA DO AFETO E SUAS POSSÍVEIS CONSEQUÊNCIAS

De acordo com Pessoa (2000), o afeto pode ser compreendido como sentimentos, prazeres, vontades e emoções. Na primeira infância, que corresponde ao período sensório-motor, a afetividade se evidencia através das emoções primárias e afetos perceptivos, relacionado ao agradável, desagradável, prazer e dor, entre outros. Nesta fase, a criança não tem consciência do próprio eu; sendo assim, a afetividade está apenas no seu próprio corpo e ações. Quando a consciência de si vem à tona, o outro torna-se objeto de afeto e, assim, iniciam-se sentimentos interindividuais, como, por exemplo, antipatias e simpatias, medos e alegrias. Contudo, nessa mesma fase, nascem sentimentos espontâneos, relacionados às trocas entre pessoas e, o primeiro contato, é com a família e cuidadores.

Diante do processo de desenvolvimento, a primeira infância é uma fase decisiva e delicada, com isso, a relação parental materna e paterna tem elevada significância para que a maturação seja elaborada e estruturada (SOUSA; RAYANE, 2018). Em relação ao desenvolvimento, é evidente a presença ou não da privação afetiva. Gomide (2004) comenta sobre estudos realizados com macacos na década de 50, e evidencia que o bebê precisa de uma mãe que reaja aos sinais que ele emite, que acaricie, mantenha contato visual, emita sons, mostre o que é certo e errado, crie afeto, entre outros comportamentos e não que apenas amamente, troque e faça dormir.

A mãe que não se manifesta desta forma expõe a criança a privação afetiva. De acordo com Gomide (2004), dependendo do grau desta privação, pode ocasionar várias consequências, desde as mais leves até as mais graves, como por exemplo o despertar de comportamentos antissociais, ausência da autoestima, ausência de esperança, insegurança, fragilidade emocional, apatia, agressividade e, em casos mais severos, (onde geralmente envolve agressão física), é responsável pelo desenvolvimento de transtornos mentais, como psicopatia, transtorno de conduta, depressão e deficiência intelectual.

Entretanto, em maioria, a privação afetiva ocorre de modo sutil, sendo assim, os cuidadores nem se dão conta. São casos em que os pais necessitam se ausentar grande

parte do dia, seja por conta do trabalho ou de alguma doença e, ao retornar, não conseguem ter tempo de qualidade com os filhos, demonstram falta de paciência, comunicação positiva e atenção, geralmente por estarem cansados. Nesses casos, os pais procuram suprir com presentes, babás, atividades de recreação, entre outras decisões que não demonstram a atenção que, por fim, é o que realmente ela precisa (GOMIDE, 2004).

Weber (2012) pontua que, para que os cuidadores consigam suprir essas necessidades das crianças, é de fundamental importância que primeiro conheçam a si mesmos. Esse processo permite que a pessoa compreenda suas características individuais e também as expectativas diante de seus filhos. Porém, a autora explica que somente o autoconhecimento não basta para que seja possível o controle de determinadas ações, também é necessário que o cuidador tenha interesse em mudar, visto que, grande parte dos mesmos, apenas repetem condutas que acham adequadas. Ou seja, durante a sua infância, foi ensinado que de tal forma é correto (a falta de afeto, falta de comunicação, castigos) e, desta forma, é difícil encontrar outra maneira de agir. Além disso, ainda existem fatores biológicos, emocionais, ambientais, entre outros que interferem na capacidade da presença de um olhar humano sobre os cuidados parentais.

2 MÉTODOS

Esta pesquisa é de caráter exploratório que, segundo Gil (2002), trata-se da aproximação e entendimento do problema, com o intuito de deixá-lo mais compreensível ou ainda construir hipóteses para possíveis explicações. Apresenta um planejamento flexível, envolve entrevistas com sujeitos que vivenciaram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão do mesmo como, por exemplo, a observação, a pesquisa bibliográfica, entre outros.

A amostra para pesquisa consiste em crianças de três a quatro anos de idade que estão inseridas em famílias compostas por pelo menos, mais uma criança além dela, com até, 12 anos de idade. Cabe aqui ressaltar que buscou-se a amostra no contexto familiar devido a necessidade de isolamento social desencadeado pela pandemia referente ao Covid-19, impossibilitando então, a realização da observação da criança no ambiente escolar em interação com seus pares. Como requisito para a pré-seleção, foi utilizada a neutralidade. Nesse sentido, foi utilizada a técnica metodológica *Snowball* (Bola de Neve) que, segundo Baldin e Munhoz (2011), consiste em uma forma de amostra não

probabilística que, geralmente, é utilizada em pesquisas de cunho social, no qual, os primeiros participantes indicam novos colaboradores para a pesquisa e, por sua vez, indicam outros novos e assim por diante, até que se atinja o número estimado dos mesmos ou o ponto de saturação (que não é o caso da pesquisa em questão). Obteve-se o primeiro participante através de uma busca nas redes sociais. Com o intuito de complementar a pesquisa utilizamos um roteiro de entrevista semiestruturada, tendo como base para a sua construção, a anamnese, as perguntas foram as seguintes: 1. Como foi a concepção e gestação? 2. Como é a relação da criança com a família e amigos? 3. Como descreveria o comportamento do seu filho(a)? 4. Quando impõe um limite permite que seu filho(a) questione? 5. Como vocês reagem as expressões de sentimento (“birra”) do seu filho(a)? 6. Quanto tempo vocês costumam passar juntos? E o que fazem nesse tempo?

A coleta dos dados ocorreu por meio de dois procedimentos: a observação e a entrevista, segundo Teixeira (2003), os mesmos são os mais utilizados em pesquisas qualitativas. A observação, de acordo com Gil (2008), tem a finalidade de adquirir, com clareza, o conhecimento preciso sobre o fenômeno estudado.

Os dados foram analisados por meio do método de análise de conteúdo, o qual, segundo Moraes (1999), é uma técnica de análise e interpretação de todos os tipos de documentos, provenientes de comunicação verbal ou não-verbal, como livros, cartas, relatos, vídeos, entre outros. Este método tem como objetivo realizar deduções lógicas e justificadas, referentes a mensagem original. Feito isso de forma adequada, pode-se chegar ao conhecimento de questões e fenômenos da vida social o qual, por vezes, seria inacessível. O pesquisador, para entender o que é mencionado em um texto, além do conteúdo explícito, precisa levar em conta o contexto, o autor e o destinatário.

Neste caso, os dados foram coletados através da observação e entrevista; e analisados de forma a correlacionar os relatos dos pais com a teoria. A observação também trouxe informações importantes para as inferências das pesquisadoras.

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Participantes	Idades
Mãe C.	38 anos
Criança O.	3 anos
Irmão O.	6 anos
Mãe N.	33 anos
Criança L.	2 anos
Irmã L.	4 meses
Mãe D.	26 anos
Criança H ¹ .	1 ano e 8 meses

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente tópico refere-se aos resultados obtidos e as discussões realizadas perante os dados coletados nas entrevistas com os responsáveis pelas crianças e, também, a partir da observação dos vídeos gravados e enviados pela família. Após ler, repetidas vezes, as transcrições das entrevistas, foi possível detectar alguns aspectos em comum nos discursos dos pais, que colaboraram para esta pesquisa. Bem como, foi possível identificar, por meio da observação, momentos que corroboram com os elementos presentes nas falas durante a entrevista. A partir disto, como levantamento e discussão de possíveis resultados da pesquisa, foram demarcadas quatro categorias para análise: relacionamento familiar; comunicação e limites; reações as expressões de sentimentos e influências da criação que os pais receberam. A seguir, serão apresentadas as interpretações, discussão e análise das categorias.

¹ A criança H é filha única, no entanto a observação se fez possível por meio da interação da criança com seus familiares.

3.1 RELACIONAMENTO FAMILIAR

A presente categoria está relacionada a percepção das entrevistadas em relação ao apego, pois foi possível identificar, nas três entrevistas, que as crianças são apegadas tanto às mães, quanto a outros familiares. Este fato pode ser exemplificado nos trechos abaixo:

A mãe C. relata:

Ela é bem grudada na mãe assim, né, no caso, é que como a minha pitoquinha nasceu agora, a mais nova, a O. está numa fase de bastante ciúmes né, ela regrediu bastante o desfralde.

A mãe N. relata:

Bom, com a família ela é super querida apegada a todos, já sabe o nome de todos, é... ela é super sociável assim, vai com todo mundo, fica sozinha, inclusive sem a presença minha e do R. né, tranquilo assim, se a gente precisar ficar dois dias fora e precisar deixar ela com o avô, com uma tia, ela fica tranquila, ela cria laços assim muito forte.

A mãe D. relata:

Atualmente, ela tá mais grudada em mim, que eu fico com ela o dia inteiro, né, eu que dou o banho, eu que troco, eu que alimento, eu que faço dormir. Então ela é bem grudada em mim, no meu marido ela também é só que não tanto por conta de ele trabalhar no sítio né, ele passa maioria do dia fora.

Através dos relatos é possível inferir que as crianças apresentam o que Bowlby (1989) denomina de apego seguro, ou seja, o vínculo com a mãe ocorreu de forma adequada e tem função de permitir que a criança consiga expressar a segurança da relação, permitindo-se explorar e conhecer tudo o que está fora da relação dual mãe-filho. Desta forma, a criança sente segurança em explorar o “mundo” e ter confiança de que os pais estarão disponíveis para suprir qualquer necessidade que ela venha possuir.

Como exemplo, foi possível perceber por meio da observação da criança O., que ela pega uma bola pula-pula e diz: “Olha ...(inaudível) você vai gostar muito”. Em seguida, O. senta em cima da bola e diz: “olha como eu sento”. Apoiando-se na bola pergunta para a mãe se ela está sentando de forma correta e começa a tentar pular com a bola. Em seguida O. arrasta um pouco a bola sem soltá-la, o irmão pergunta se ela deixa ele brincar um pouco com a bola, ela diz que não e que quer mostrar para ele o que ela sabe muito bem. O. rola a bola no espaço apertado em direção a porta para tirá-la do quartinho, a bola resbala em um carrinho de bebê de brinquedos e ela diz: “Opa... olha o que eu sei muito bem”, na tentativa de mostrar para o irmão. Posteriormente O. senta na

bola gira e se arrasta um pouco pedindo para o irmão olhar para ela, quando ele olha, O. começa a pular até que a bola escapa e a criança cai sentada no chão.

Tendo como base este trecho observado, pode-se notar que O. apresenta uma possível busca por aprovação tanto da mãe, quanto do irmão mais velho. Diante disso, pode-se pensar na hipótese de que O., nesse momento, está em busca do irmão como um parceiro para que não se sinta sozinha na relação, pois após o nascimento da irmã caçula, O. e o irmão mais velho acabam por receber menos atenção da mãe quando comparada ao bebê, o qual depende exclusivamente dos cuidados maternos. Além disso, é possível notar que O. busca sempre o contato de fala com a mãe, pois sempre fala para a mãe o que está fazendo ou dá detalhes das brincadeiras que faz com o irmão, possivelmente como forma de chamar a atenção da mãe para si.

Neste sentido, pode-se perceber o apego seguro, no qual a criança mantém sua liberdade em explorar o ambiente e, ao mesmo tempo, busca chamar sua atenção de modo a participar a mãe de seus passos, a compartilhar com ela suas fantasias. Tal fato pode ser percebido por meio da observação de quando O. tenta fazer com que a mãe participe de suas explorações, questionando se a forma como ela está brincando está correta ou contando para a mãe como ela e o irmão estão brincando.

3.2 COMUNICAÇÃO E LIMITES

Esta categoria de análise refere-se à comunicação e imposição de limites. Através das análises da entrevista e observação, percebeu-se que os pais, em algum momento, precisam corrigir os filhos e educá-los, o que também é experienciado como uma forma de cuidado. Os trechos abaixo demonstram como essa questão se faz presente, uma vez que as mães apontaram a forma como agem:

A mãe C. relata:

Olha, no geral eu procuro conversar e, por exemplo: ah, está na hora de escovar os dentes O., não, não quero, não quero, todo dia é um estresse para escovar os dentes...que é importante para você, que o teu dentinho pode acordar todo pretinho. A gente procura conversar, ela se expressa bastante, quando ela, quando ela está frustrada ou ela cai e se machuca daí a gente conversa e fala que dói faz parte mas que vai passar, e na questão dos limites também, a gente procura sempre deixar eles à vontade para falar o lado deles mas é claro que tem dias que eu não tenho essa paciência, tem dias que a noite chega e eu falo que tem que

escovar os dentes, não vai escovar, então tá, não vai escovar, vai dormir com a boca suja e vai acordar tudo podre teus dentes daí, não que eu me orgulhe disso mas tem dia que não dá.

A mãe N. relata:

Ela ainda não tem muito esse questionar né, às vezes, assim, a gente fala, pede, tenta impor limite ela só ignora e tenta fazer do jeito dela. Tem que estar ali com paciência tentando impor aquele limite toda hora, né, mas é mais ou menos isso, ela nunca questiona muito isso assim, ah, mas porque que eu não posso, ela só ignora e faz mesmo né.

A mãe D. relata:

Nessas questões de limite ela obedece bem. Agora, quando é a questão de você levar ela para dar uma volta, o limite dela é ela sai correndo e ir mais longe que ela puder. Aí você pode chamar, pode fazer o que você quiser que ela não volta. Você tem que correr atrás, mas eu acho que a gestão de limite seria mais isso, dentro de casa assim com essas coisas mais perigosas vamos assim dizer, ela obedece bastante. No começo eu tive muita dificuldade por não ter paciência com isso, por não saber o que era aquela manifestação dela né, agora não, ela faz birra por exemplo, se ela quer tomar água, como ela anda não fala, ela faz birra, ela puxa você e vai até o bebedouro ou então ela fica ali rodando onde tem água para você dar um copo de água para ela.

Nesta categoria é possível identificar um contexto delicado, pois os pais demonstram que, mesmo amando e desejando fazer todas as coisas certas e de forma a não gerar nenhum prejuízo aos filhos, podem, em alguns momentos, apresentarem-se com menos paciência devido às questões do dia-a-dia como cansaço e estresse. Porém, tal situação não propõe que não exista amor ou afeto na relação entre os pais e seus filhos.

Em relação ao diálogo e comunicação de limites impostos pelos pais, por meio da observação dos comportamentos das crianças, foi possível perceber que, em certos momentos, elas possuem liberdade para se expressar e dialogar quanto aos limites que elas receberam. Ignorar o limite imposto pode ser uma forma de expressar sua opinião, pois a criança tem liberdade para repetir tal comportamento mesmo os pais impondo determinado limite.

O exemplo a seguir, coletado por meio da observação do vídeo de L., possibilitará a visualização do limite imposto pelos familiares e ignorado pela criança. A cena do vídeo

se dá quando L. interage com a irmã mais nova. L. coloca uma fralda de pano no rosto da irmã e se afasta um pouco, ela tira a fralda do rosto da irmã e cobre novamente, olha para a mãe e pergunta onde está a irmã. A mãe pede para que ela tire a fralda do rosto da irmã e ela diz que não e começa a balançar a cadeira. A mãe pede novamente para que ela retire a fralda do rosto da caçula e ela diz que tapou o rosto da irmã. L. arrasta a cadeira para frente se posicionando atrás da irmã. A mãe vai até as duas dizendo para L. tirar a fralda do rosto da irmã dela. Nesse momento L. tira, a mãe diz que no rostinho não pode, enquanto isso L. continua brincando com a fralda colocando no apoio e parte da fralda cai no rosto da irmã; a mãe chama a atenção dela perguntando o que ela tinha acabado de falar.

Na cena citada acima, além da imposição de limites, o brincar também ganha destaque. Segundo Crespo (2016) o brincar é fundamental para o desenvolvimento infantil. É brincando que as crianças aprendem a pensar e significar, ou seja, quando as crianças encontram-se livres para brincar, usam o lúdico para expressar seus desejos, emoções, sentimentos e indignações com possíveis limites pré-estabelecidos, ou quaisquer situações ocorridas. Desta forma, pode-se entender que o brincar também é uma forma da criança se comunicar. Crespo (2016) pontua que a brincadeira permite que a criança, de forma lúdica, descubra e compreenda o meio em que está inserida, absorvendo normas, regras, limites e entre outros.

Ainda em relação a observação de L., citada acima, pode-se perceber que a criança estava exercitando o lúdico. Para L. o ato de cobrir o rosto da irmã caçula provavelmente era apenas uma brincadeira e infere-se que não havia a intenção de causar qualquer prejuízo a irmã. Pode-se dizer que as intervenções dos familiares obtiveram a função de corrigir e educar; porém, não causou efeito de construção de consciência na criança, de que a brincadeira não estava agradando a irmã ou que poderia machucá-la. Deste modo, pode-se afirmar que a brincadeira não obteve a função desejada por L., ou seja, não causou “graça” nos adultos. E que, os pais, chamando sua atenção, pedindo para não brincar dessa forma, fez com que ela desistisse ou se cansasse daquela brincadeira.

3.3 REAÇÃO AS EXPRESSÕES DE SENTIMENTOS

Esta terceira categoria é referente a forma como os pais lidam com as expressões de sentimentos dos filhos, principalmente ao que o senso comum chama de “birra”. Pode

ser identificado alguns aspectos em relação a esta temática nos discursos apresentados nas entrevistas com as mães das crianças, conforme ilustram os fragmentos abaixo:

A mãe C. relata:

A O. não é uma criança que você pode agir da mesma maneira, gritar ou falar para parar com isso agora, pois ela fica muito pior, e que com ela, a gente tem que se abaixar falar calma, só vou falar com você quando se acalmar, ou peço um abraço, procuro saber o que ela está sentindo.

A mãe N. relata:

Com muita paciência normalmente é... Sempre tentando explicar ou fazer, eu tento fazer ela acalmar do jeito que posso assim, né, pegando na mãozinha ou tentando falar alguma coisa pra ver se ela acalma é... Tirar um pouco a cabeça dela disso assim, né. Quando ela começa a fazer birra, quando ela começa a ficar irritada e chora e chora e chora, as vezes eu acho que ela nem sabe mais o porquê está chorando, mas está ali chorando e a gente tenta acalmar é o que a gente consegue fazer assim.

A mãe D. relata:

No começo tive muita dificuldade por não ter paciência e não saber o motivo da birra, mas tive que aprender a ter paciência e a reconhecer os sinais dela.

Diante do processo de desenvolvimento, a primeira infância é uma fase decisiva e delicada, pois a relação com os pais tem elevada significância para que a maturação seja elaborada e estruturada (SOUZA; RAYANE, 2018). Nesta fase, a criança não tem consciência do próprio eu, sendo assim, a afetividade está apenas no seu próprio corpo e ações. Em relação ao desenvolvimento, é evidente a presença ou não da privação afetiva, como destaca Gomide (2004) citado acima, sobre estudos realizados com macacos.

Pode ser percebido nos relatos e nas observações que as três famílias buscaram, pelo autoconhecimento, compreender seus comportamentos e de seus filhos, passando a assimilar as razões pelas quais as crianças apresentavam determinados comportamentos e ações. Desta forma, cada família adaptou um método de lidar com os seus. As observações realizadas por meio dos vídeos detectam a interação entre os pais e seus filhos, no qual os responsáveis mostram para as crianças o que é certo e errado e reagem aos sinais emitidos por elas. Apesar de as pesquisadoras terem solicitado aos pais gravações em vídeo da interação entre as crianças e seus irmãos, durante as cenas

registradas os pais se fazem presentes, o que pode ser compreendido a partir da relação afetiva entre eles.

Tal fato pode ser identificado a partir de um exemplo da família de H. A mãe pergunta: “E agora onde a gente vai?” H. caminha em direção a um objeto grande de metal. A mãe diz “Ai é complicado para subir”. H. para e fixa o olhar em direção ao objeto. A mãe convida: “Vamos na areia bebê? Vem, vamos na areia.” A mãe segura a mão de H. e fala: “vem!”. H. chora e pede colo. em seguida a mãe diz: “Vamos ir ver os bezerros e depois ir com o papai”. H. volta para frente do objeto grande de metal, a mãe diz: “Cuida que ali vai machucar, meu amor”.

Neste trecho do vídeo, pode-se notar a interação entre mãe e filha, demonstrando uma mãe aparentemente participativa e afetuosa, preocupada com o bem-estar da criança, apontando dificuldades que ela possa encontrar.

3.4 INFLUÊNCIA DA CRIAÇÃO QUE OS PAIS RECEBERAM

Esta categoria visa abordar a forma como os pais foram criados, analisar se existe uma interferência na forma como eles trabalham a criação de seus filhos, averiguar se existe a possibilidade de ocorrer um reflexo de comportamento em relação a criação.

A mãe C. relata:

A gente foi criado de uma forma mais sozinha, né. Então têm as minhas irmãs mais velhas. Eu lembro da minha. A minha mãe sempre foi muito ligada aos serviços domésticos da casa e a nossa alimentação era a forma dela de amar. Então, não tinha muita presença, a gente não tinha os pais que sentavam e brincavam conosco, mas a gente tinha o amor deles de outra forma. A minha mãe, não era de punir, mas era uma pessoa que gritava bastante. Isso interfere porque acaba que a gente é gritado também né... É, a minha mãe sempre foi do grito, assim.

A mãe D. relata:

Não tenho muita lembrança da minha infância, mas, o pouco que eu lembro em questão de contato entre eu e a minha mãe, é que tive uma criação tranquila, né. Eu tive muito carinho, tive muito afeto, tive tudo o que eu precisava, mas se eu fizesse alguma coisa de errado, minha mãe conversava comigo uma vez, fazia de novo conversava pela segunda vez, na terceira vez já era questão de castigo, ou então a questão do apanhar né. E eu vejo que isso eu repito com a minha filha, então eu acredito que sim, a maneira como eu fui educada, a maneira como eu cresci, isso está interferindo na maneira que eu vou educar a minha filha.

Como abordado acima, na fundamentação teórica, Winnicott (2001) considera a família o grupo essencial e o modo como ele se organiza é capaz de demonstrar sua cultura, ou seja, a forma como nos organizamos em contexto familiar ilustrará o modo como nos portaremos e nos expressaremos perante a sociedade. O ambiente familiar é o primeiro contato que a criança tem com o mundo; logo, ele é a primeira fonte de experiências e de exemplos.

Esta categoria deixa evidente o posicionamento de cada família. Elas admitem que a forma como foram criadas reflete no modo como criam os filhos hoje em dia, seja com um grito, castigo, punição física, entre outros. É importante ressaltar que esse reflexo de comportamento pode ocorrer de forma a desejar corrigir o que vivenciou ou de forma a reproduzir os comportamentos não assertivos vividos pelos pais.

As observações dos vídeos não apontaram para momentos onde os familiares se expressem da forma como relataram na entrevista; porém, em determinados momentos do vídeo da família de O., pode-se afirmar que a mãe se afasta emocionalmente da cena por alguns minutos. Neste caso, pode-se inferir que não houve um reflexo do comportamento de gritar, citado por ela, mas que ocorreu uma leve ausência que pode ter sido ocasionada devido ao cansaço e/ou estresse.

No caso da família de H. a mãe afirma que a forma como ela foi criada influenciou em seu modo de corrigir a filha e que, muitas das vezes, age da mesma forma como a mãe agia com ela. Em alguns momentos do vídeo desta família, houve pequenas alterações no tom de voz da mãe ao corrigir a filha, mas em nenhum momento utilizou de punições físicas.

Pode-se concluir com esta categoria que as famílias estão propensas a repetir os comportamentos direcionados a eles em sua infância, mas esses pais buscam se inteirar e se informar sobre novos métodos de criação e estão em aprendizado junto de seus filhos buscando criá-los da melhor forma, dentro de suas possibilidades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo compreender as possíveis influências da criação afetiva no comportamento de crianças que vivenciam a primeira infância. Diante do contexto abordado e dos dados analisados, ao investigar as possíveis influências, pode-se perceber que as famílias participantes apresentam afeto em suas relações parentais e que, em alguns momentos, é perceptível a falta de paciência, não significando ausência de amor ou afeto por parte dos pais. Cogita-se que, independente da criação afetiva, cada criança irá significar e compreender ações de forma que faça sentido para ela. Sendo assim, o que para uma criança possa significar ausência de afeto ou falta de zelo, outra criança pode simbolizar como um momento inoportuno ou uma brincadeira inadequada para o momento. Neste mesmo sentido, não se pode afirmar em relação às famílias negligentes, pois não tivemos participantes com tal condição.

Logo, é possível ressaltar a importância das relações parentais e da criação, permeadas pelo afeto e que este modo de criação desempenha um papel muito importante influenciando no desenvolvimento saudável da criança e em suas expressões e comportamentos. As crianças observadas neste estudo demonstram afeto da mesma forma que o recebem. Deste modo, pode-se perceber que a criança aprende através de exemplos práticos, repete comportamentos que ocorrem ao seu redor e, se esses mesmos comportamentos alheios estiverem associados ao afeto, consequentemente a criança vai se portar da mesma forma, ou seja, o comportamento afetivo dos pais e cuidadores influencia na maneira que a criança expressa seus afetos.

É importante ressaltar que a continuidade desse estudo traria resultados ainda mais significativos, com um olhar voltado para as influências da criação afetiva no comportamento das crianças a longo prazo, quando as crianças estivessem com idade avançada, pois assim seria possível analisar essa influência no desenvolvimento da criança como um todo, da mesma forma que traz a teoria. Por fim, seria conveniente que, quem se propor a estudar esse assunto, integre a observação do comportamento de uma criança inserida em uma família sem afeto ou negligente para que, desta forma, fosse possível ponderar o comportamento da criança em relação a criação recebida.

REFERÊNCIAS

BALDIN, N; MUNHOZ, E, M, B. **Snowball** (Bola de Neve): Uma Técnica Metodológica para Pesquisa em Educação Ambiental Comunitária. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011.

BOWLBY, J. **Cuidados Maternos e Saúde Mental**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

BOWLBY, J. **Uma Base Segura**. aplicações clínicas da teoria do apego/Jonh Bowlby. - Porto Alegre: Artes Médica. 1989.

CAMPOS, L, A. **Primeira Infância: Um Olhar desde a Neuroeducação**. Peru: Cerebrum, 2010.

CRESPO, T, P, N; **A Importância do Brincar para o Desenvolvimento da Criança**. 2016. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/19042/1/Relat%C3%B3rio%20Final%20Teresa%20Paula%20Nogueira%20Crespo.pdf>. Acessado em: 02/08/2020.

GIL, C, A. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMIDE, C, I, P. **Pais Presentes, Pais Ausentes: Regras e Limites**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf. Acessado em 16/08/2020

PESSOA, V. S. **A afetividade sobre a ótica psicanalítica e piagetiana**. Publicatio UEPG – Ciências Humanas, 8(1): 97-107, 2000

RAYANE, B, D; SOUSA, V, A, H, D. **Privação Afetiva e suas Consequências na Primeira Infância: Um estudo de Caso**. Inter Scientia, Vol. 6. Nº 2. 2018.

TEIXEIRA, B, E. **A Análise de Dados na Pesquisa Científica: Importância e Desafios em Estudos Organizacionais**. Editora Unijuí, 2003.

WEBER, L. **Eduque com Carinho: Equilíbrio entre Amor e Limites**. 4. ed. Curitiba: Juruá, 2012.

WINNICOTT, D. W. **A Criança e o Seu Mundo**. Livros Técnicos e Científicos Editora - LTC. Rio de Janeiro, 1982.

WINNICOTT, D. W. **A Família e o Desenvolvimento Individual**. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. 2º ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.